'Cluster' inculto

A decadência da cultura do cacau no Sul da Bahia tem mais a ver com problemas culturais do que com falta de recursos

GLÓRIA BEATRIZ M.N. DA GAMA
JOSEMAR XAVIER DE MEDEIROS E
LUIZ EUSTÁQUIO L. PINHEIRO

A crise do sistema cacaueiro é antiga e deixa à vista contrastes de ordem econômica, social, política e ambiental. Sua cadeia produtiva tem merecido análises como o excelente estudo do *cluster* de cacau no Sul da Bahia, promovido pela Ceplac e publicado pelo CNPq, com uma visão completa dos fatores que contribuíram para sua atual decadência.

A própria Ceplac constata que a região da Bahia focalizada no estudo apresenta o menor índice de qualidade de vida (IQV), se comparada com as demais regiões produtoras do Brasil e do exterior; fica à frente apenas da Costa do Marfim e de Gana. Constatação emblemática, pois a região exibe ótimo potencial econômico, graças a condições edafoclimáticas, turísticas e logísticas (malha rodoviária, porto etc.).

Cultivando problemas

O problema cultural se reflete nos setores empresarial, político e técnico-científico, traduzindo-se em gestão deficiente dos processos de integração da cadeia. É difícil introduzir ações inovadoras em termos de gestão e uso de tecnologias.

Em recente estudo[1] reavaliaram-se junto aos setores dessa cadeia, no Sul da Bahia, onde se concentra o *cluster* do cacau, os principais problemas que contribuíram para a crise do setor. De acordo com os resultados obtidos (gráfico 1), não ocorreu uma priorização dos possíveis problemas que afligem a cacauicultura, mas a descrição de um elenco deles, confirmando o quanto o fator cultural interfere no comportamento dos membros da cadeia produtiva.

A análise das questões tecnológicas mostra que os impasses nesse setor são bastante conhecidos e dispensam tecnologias ainda não dominadas.

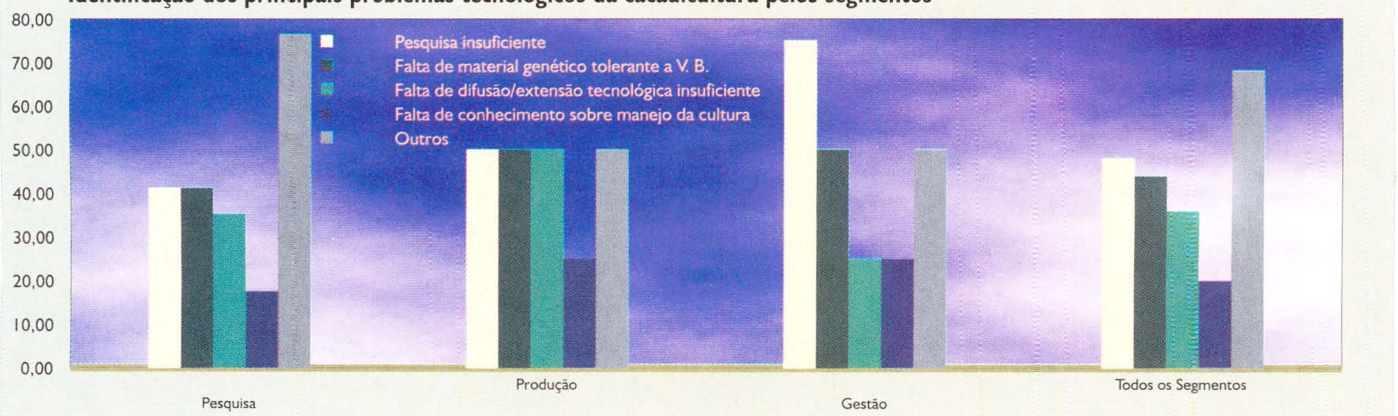
Faltam difusão/extensão tecnológica ou conhecimento sobre o manejo da cultura, segundo os componentes da cadeia produtiva – e no entanto a Ceplac há décadas se dedica a resolver tal dificuldade. Outras respostas indicam falta de integração na cadeia, crédito, vontade política, coordenação, gestão eficiente na pesquisa e nos investimentos e finalmente baixos salários (fator indicado pelo setor público).

Pode-se conjeturar que esse panorama denota uma cadeia destituída de uma visão sistêmica do agronegócio. Contudo, cerca de 70% dos membros entrevistados se mostraram aptos quanto a esse dado. O que parece predominar entre seus representantes é falta de articulação, de gestão ou mesmo de coordenação.

Tendências à vista

Qual será o futuro da cacauicultura no Sul da Bahia e de todo o *cluster* do cacau?

Identificação dos principais problemas tecnológicos da cacauicultura pelos segmentos



O próprio estudo de *cluster* aponta dezenas de variáveis em jogo nessa resposta. Mas é preciso levar em conta as seguintes tendências:

- a indústria de transformação necessita do cacau brasileiro até certo ponto, pois importa, a preços baixos, amêndoas dessa *commodity* que até agora não veiculam qualquer valor agregado;
  pode diminuir a obrigatoriedade do uso do cacau, inclusive em chocolates;
- a cacauicultura tornou-se prática afeta a países pobres e com sistemas de produção ineficientes para manter baixos os custos de produção, ocorrendo o mesmo no Sul da Bahia;
- os preços não são controlados pelos países produtores e sim pelos mais industrializados, que influenciam as cotações.

Diante dessa realidade, já se propôs abandonar a cacauicultura, substituindo-a por outras culturas como o café, a pupunha e o dendê. Ainda mais desalentador, quando se pensa nos problemas da cadeia e no baixo índice de qualidade de vida de seus membros.

Multifuncionalidade

A visão da área do cacau leva o analista a concluir que o melhor futuro da região depende da manutenção da cacauicultura. O grande empecilho para isso parece ser o não entendimento do conceito de multifuncionalidade da agricultura.

A despeito das controvérsias sobre a exploração econômica da multifuncionalidade, o conceito é antigo e jamais foi bem assimilado pelos especialistas brasileiros. Tanto a análise do *cluster* quanto nossas avaliações atestam isso; os serviços rurais, incluindo o que diz respeito ao turismo regional, jamais o mencionam.

O *cluster* do cacau pressupõe inúmeras indústrias e infra-estruturas convergentes e complementares, florescentes de atividades que dependem da manutenção das condições edafoclimáticas e do próprio ambiente. Manter a cacauicultura significa manter as condições da natureza florestal complementadas pelos exuberantes contornos costeiros, cujo potencial econômico via turismo é infinitamente maior do que o do agronegócio cacau.

Tanto no nível primário quanto no terciário (pesquisadores, empresários e políticos), deve-se admitir que a reversão do quadro atual corre grande risco. De qualquer forma, o não atendimento das reivindicações dos especialistas consultados parece ser a pior das opções, a que concorreria definitivamente para o completo declínio do cacau e conseqüentemente de toda a região.

Glória Beatriz M.N. da Gama é mestre da Faculdade de Agronomia e Veterinária em Agronegócio/UnB, consultora do CNPq. Josemar Xavier de Medeiros é professor da Faculdade e consultor do CNPq.

[1]*Parte de dissertação de mestrado desenvolvida na UNB com apoio do Programa de ciência e tecnologia para o Desenvolvimento do Agronegócio (PCT-Agro) do CNPq.*

PLANO DE SAFRA

Mais recursos

O Ministério da Agricultura liberou R$8,8 bilhões para o ano-safra 2000/2001, mais 44% em relação à safra passada

LUIZ ANTONIO PINAZZA

O Plano de Safra tem seu foco basicamente dirigido ao custeio, investimento e comercialização das lavouras de cereais e oleaginosas. Antes havia muita expectativa em torno do anúncio de um plano desse porte, hoje não mais. Antes pairava no ar uma crença sobre a capacidade de as políticas públicas de crédito e preços garantirem renda para a capitalização e



crescimento sustentados do setor. Tinha-se a consciência da contribuição da agricultura para o país. Esse sentimento foi diminuindo e hoje infelizmente não há delineamento estratégico do que dela se espera.

Não aconteceu

A meta fixada de 100 milhões de toneladas para o ano 2000 não aconteceu, mas se